



MUSICAL DE FILIPE LA FÉRIA, UM VIOLINO NO TELHADO

As 200 representações





De 28 de Dezembro de 2008 até 28 de Fevereiro de 2009

o nunca
VISTO nos
saldos até **60%**

El Corte Inglés
www.elcorteingles.pt

Se não ficar satisfeito, devolvemos-lhe o seu dinheiro

Audiência

O encenador Filipe La Féria, a produção, os actores, os bailarinos, os músicos o guarda-roupa, o pessoal técnico e todos aqueles que contribuíram para o sucesso de "Um Violino no Telhado" estão de parabéns. "Um Violino no Telhado" comemorou na passada quinta-feira as suas 200 representações. O musical está quase a despedir-se do Rivoli, mas já existe saudade. Na passada quinta-feira, as vozes uniram-se para cantar os parabéns ao "Um Violino no Telhado" e também ao actor José Pinto, que completou 80 anos.



"Foi um grande gosto estar aqui no Rivoli e saber que o 'Violino' bateu todos os recordes. Obrigada Porto", agradeceu Filipe La Féria.

Por Marisa Pinho e Cristiana Maia

Foi sobre o olhar atento e compenetrado de Filipe La Féria e de um público composto por muitos amigos, familiares, convidados e admiradores que a família de "Um Violino no

Telhado" fez a sua ducentésima representação na passada quinta-feira no teatro Rivoli. No final do espectáculo Filipe La Féria subiu ao palco e deu os parabéns à companhia por ter representado "Um Violino no Telhado" 200 vezes. O musical bateu todos os recordes ao

entrar no nono mês consecutivo sempre com casa cheia. "Foi um grande gosto estar aqui no Rivoli e saber que o 'Violino' bateu todos os recordes. Obrigada Porto", agradeceu Filipe La Féria. Depois do espectáculo número duzentos, a equipa, convidados e amigos cantaram os parabéns ao "Violino" no Salão Nobre do Rivoli. José Raposo bufou as velas e Rita Ribeiro cortou o bolo. Em clima de festa, os parabéns estenderam-se ao actor portuense José Pinto, que completou no mesmo dia 80 anos. O balanço dos nove meses de "Um Violino no Telhado" foi considerado por todos muito positivo. O desejo de continuar neste mundo da representação, da música e da dança continua. A incerteza quanto ao futuro esprita. A saudade, essa, já existe.

PAIS DE CÁTIA E DE MAFALDA TAVARES

Para Paula Tavares, mãe de Cátia e de Mafalda, é um grande orgulho ter umas filhas assim. "Desde pequeninas já tinham dentro delas o bichinho: a Cátia para o canto e a Mafalda para a dança. Depois esse bichinho foi crescendo e chegou onde chegou. Vamos ver onde vai ter", confessou Paula com um brilho nos olhos. O pai, Fernando Tavares, que sempre teve uma aptidão para esta arte, mas que nunca foi aplicada, disse ao Audiência não ter tido a mesma oportunidade que deu às filhas: "elas tiveram um acompanhamento que eu não tive". Apesar da fama e da notoriedade que Cátia Tavares já atingiu, os pais dizem estar sempre atentos. "Ela (a Cátia) conta-nos tudo o que se passa. Qualquer coisa estamos a ajuda-la. Ela ouve-nos, o que às vezes é complicado uma menina de 19 anos ouvir os pais. Quando é preciso nós actuamos e chamamo-la à terra e ela vem", acrescentou Paula Tavares para quem a primeira ida da filha para Lisboa custou. Quanto a Mafalda, os pais dizem que foi uma revelação. "A Mafalda aos 3 anos disse-nos que queria ir para o ballet e, como nós demos a oportunidade à Cátia, também quisemos dar à Mafalda. Foi uma revelação, porque não contávamos que ela tivesse tanto jeito. E agora quer ser bailarina. Ela tem sonhos muito altos...", disse a mãe. Em relação à decisão das filhas em seguir a via do espectáculo os pais apoiam a cem por cento. "Apoiamos, porque é um curso como outro qualquer. As saídas são como as outras, talvez sejam mais instáveis, mas hoje em dia o que é estável?", interrogou Fernando Tavares ao frisar que nunca fizeram força para que as filhas entrassem neste mundo como também não fazem para que elas saiam. "É o que elas gostam de fazer e fazem-no bem. É apoiar", revelou.



CARLOS COSTA



Quem o Audiência encontrou na ducentésima representação do "Violino" e de visita à companhia de Filipe La Féria foi Carlos Costa, actor da companhia Famous Produções. "Venho cá apreciar o trabalho de La Féria. Já tinha cá estado na ante estreia e adorei o "Violino", esclareceu o actor que considerou o espectáculo número 200 "um feito", em que esteve tudo "espectacular". "No Violino tenho várias pessoas conhecias e é sempre bom ver os colegas a trabalhar", acrescentou. Carlos Costa vai participar no espectáculo do High School Music I no próximo dia 7 de Fevereiro na Figueira da Foz e já foi convidado para integrar o elenco do High School Music II. O actor revelou ao Audiência estar "muito ansioso por começar".

O PAI DE PEDRO PIRES

Antonino Pires, pai de Pedro Pires que faz de aldeão no "Violino", está muito satisfeito com a prestação do filho. "Embora ele não fosse um grande amante deste tipo de espectáculo, começou a acompanhar o Filipe La Féria e a gostar disto", disse Antonino, que gostava que o filho seguisse a carreira de jogador de hóquei patins. Mas Pedro optou pela via do teatro que é o que "realmente quer e que gosta". Antonino Pires apoia incondicionalmente o filho, porque entende que "mais importante do que a situação económica, as pessoas devem fazer o que gostam". E acrescenta que é "um orgulho ver o filho a contracenar com grandes nomes e trabalhar para o La Féria.



ESPECIAL

ANA RUANO, MÃE DO GUILHERME RUANO DE 12 ANOS



Ana Ruano, mãe de Guilherme Ruano, uma das crianças do "Violino", nunca se interessou por teatro nem por música. "A irmã é que veio ao *casting*, ele veio com ela e foi ele quem ficou seleccionado", explicou a mãe ao acrescentar que foi a partir dessa altura que Guilherme começou a interessar-me muito por esta área e querer estudar música. Segundo Ana Ruano, Guilherme não quer ser actor, mas gostava de estar sempre ligado a esta área. "Ele já fazia teatro amador e vai estar agora no Cale-se no dia 31 de Janeiro em Canidelo com a peça "Nem tudo começa com um beijo". Agora está a aprender canto", concretizou. Guilherme está no ensino articulado no Ginásio e ainda joga futebol. Se um dia Guilherme quiser seguir esta carreira, embora não seja do agrado da mãe, que considera esta "uma carreira muito difícil e impossível de conciliar com outra profissão", Ana Ruano apoiaria sempre a decisão do filho.

FLORISTA LOLITA, MARIA AURORA

Proprietária da Florista Ana na Boavista, Maria Aurora, mais conhecida por Lolita, oferece sempre flores a Filipe La Féria nas comemorações de certos espectáculos. Este gesto é, segundo Maria Aurora, um agradecimento pelo facto de La Féria ter trazido para o Porto espectáculos que Lolita se quisesse ver tinha que ir a Lisboa.

Quando o "Música no Coração" deu 500 espectáculos ofereceu quinhentas rosas a Filipe lá Féria e nas 200 representações do "Violino" deu 200 rosas. Alguns actores do elenco do "Violino" já são clientes de Lolita.



JOEL BRANCO



Para o actor Joel Branco as 200 representações de "Um Violino no Telhado" "devem-se em grande parte, ao que o jornal Audiência tem auxiliado no espectáculo. Estão sempre prontos para divulgar, para pedir entrevistas com os artistas, para tirar fotografias, para ajudar o teatro que se faz no Rivoli e, por isso, eu cumprimento o Audiência e todos os colaboradores".

O actor que já tem 45 anos de carreira fez um balanço muito positivo destas 200 representações.

"Nós sabemos que o país atravessa uma crise mundial, mas é preciso as pessoas virem alimentar o sonho. A barriga é a primeira coisa, mas o espírito é a segunda. Vir ao teatro é alimentar o espírito e isso é essencial", explicou Joel Branco. O Joel Branco viveu no Porto dos 14 aos 18 anos, mas é de Lisboa. Para o actor a companhia de La Féria dentro do palco "é mais uma família do que uma companhia de teatro. É o espírito do Porto dentro do teatro" concretizou.

PAULA SILVA, MÃE DO MARTIM E DO BERNARDO

"Para uma mãe é sempre maravilhoso ver os filhos a fazerem aquilo que gostam", exprimiu Paula Silva, mãe do Martim e do Bernardo Gavina.

Para Paula Silva "isto é uma escola de teatro. Eles tinham formação musical desde pequeninos, mas nunca tinham feito teatro", a não ser o Bernardo que já participou em alguns musicais na Casa da Música. O Martim teve a sua primeira experiência com "O Príncipezinho". "O Martim foi sempre um bocadinho atrás do irmão para a escola de música", disse a mãe que entende que os pais devem apoiar os filhos em tudo o que eles querem ser." O Bernardo desde pequeno mostrou sempre aptidão para a música e não o estou a ver a fazer outra coisa. Acho que já nasceu com ele. O Martim quer ser veterinário, como tem aqui o exemplo na companhia do Carlos Meireles que também tirou o curso de veterinário e enveredou por este caminho, o Martim já está a pensar que vai poder conseguir fazer as duas coisas: ter uma oportunidade no teatro e outra na medicina veterinária" esclareceu.



SERAFIM DA SILVA MARTINS



Serafim da Silva Martins, administrador das Águas de Gaia, foi ver "Um Violino no Telhado" pela primeira vez e disse ao Audiência ter gostado muito, bem como também apreciou o discurso de Filipe La Féria. O administrador das Águas de Gaia desconhecia que muitos dos actores do "Violino" são de Gaia, mas disse ser apreciador das peças de Filipe La Féria. Serafim da Silva Martins é da opinião de que La Féria veio revolucionar o panorama cultural no Porto e que "este tipo de teatro mais popular é imprescindível, porque chega a todos os sectores".

PEDRO CRAVINHO, MUSICO

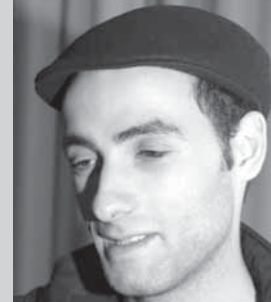


Apesar de ser músico há 18 anos, Pedro Cravinho trabalhou agora pela primeira vez com Filipe La Féria, experiência que considera ser "bastante interessante". Para o músico, "todos os dias aprendem-se coisas novas o que é bastante estimulante".

Pedro Cravinho toca contra-baixo e, além de "Um Violino no Telhado" tem outros projectos na área do jazz e ainda dá aulas de música no Porto e em Braga.

FILIPE MONTEIRO, BATERIA

Filipe Monteiro toca bateria no "Violino" e confessou ao Audiência não ser grande apreciador de teatro até ter trabalhado pela primeira vez com Filipe La Féria, há um ano, no "Música do Coração". "Comecei a gostar de teatro que é uma coisa fenomenal", revelou o músico. Fora do "Violino", Filipe Monteiro dá aulas de música na ESMAE e anseia poder continuar com La Féria, porque diz serem "momentos muito bons".



LÉCIO RIBEIRO



Lécio Ribeiro toca violino no "Um Violino no Telhado". Lécio Ribeiro também está a trabalhar pela primeira vez com La Féria. Para o músico esta tem sido uma boa experiência. Lécio Ribeiro é músico profissional e a sua principal actividade é dar aulas de música no conservatório da Maia.

ALEKSANDR KARPETS

"Obrigada, de nada, desculpa e parabéns" foram as palavras proferidas pelo bailarino do "Violino" Aleksandr Karpets.

Vindo da Ucrânia Aleksandr Karpets disse ao Audiência que está a gostar muito desta companhia, do Porto e das pessoas. O único defeito apontado pelo bailarino é o facto de os portugueses não saberem falar ucraniano.

O bailarino que disse adorar a sua profissão considera La Féria um homem muito exigente: "La Féria é muito exigente connosco (risos), porque só uma pessoa exigente como o senhor La Féria é que consegue realizar uma produção como esta".

Aleksandr, quando voltar para a Ucrânia, vai levar para casa vinho do Porto como recordação.



JOSÉ LOUREIRO

"Sinto uma grande alegria e felicidade por este espectáculo completar duzentas representações. Ainda fazia mais duzentas"



CÁTIA TAVARES

"Hoje chorei muito, senti uma enorme emoção porque a vontade é de também estar em cima do palco com eles. Eles sabem que eu estou com eles a dar-lhes muita força mas é uma grande emoção vê-los e saber que já fiz parte daquele espectáculo fantástico. Tenho muitas saudades das pessoas, da história... Mas também estou muito feliz com o que estou a fazer neste momento. Fazer de Maria no West Side Story foi um sonho que nunca pensei ver realizado e acho que ainda não acordei".



NUNO MARTINS

"É muito gratificante para mim fazer duzentos espectáculos seguidos. É a primeira vez que o faço. É bom chegar hoje aqui e ver que estamos no espectáculo número duzentos. Penso que ainda fazia mais duzentos. Seguidos? Talvez não. Mas se tivesse um pequeno intervalo entre eles, talvez sim".



SERGEY SYCHUK



Tal como os outros bailarinos ucraniano que estão no "Violino" também Sergey veio para o Porto em Maio. No entanto, o bailarino já visitou Portugal muitas outras vezes antes quer em férias quer a trabalhar. Segundo Sergey Sychuk, La Féria é um bom encenador e que tem muitas capacidades para fazer bem este tipo de produção.

JOSÉ PINTO

"É um privilégio um actor comemorar 80 anos num palco com duzentas representações de um espectáculo como este. Sinto uma enorme ternura e camaradagem pela amizade com os meus colegas. Sinto-me muito mimado. Eles têm sido extraordinários comigo".



ALEXANDRE FALCÃO

"É indescritível este sentimento. Nós fazemos espectáculos para o público e, se o público corresponde, para nós é a felicidade suprema ter as casas cheias, ter os aplausos do público que, no fundo, são quase a nossa única compensação. Para mim, fazer duzentos espectáculos não é nada de novo e ainda fazia mais duzentos. Tenho muito prazer em estar em palco, não é nenhum sacrifício. Teatro é uma coisa que eu sempre fiz e espero continuar a fazer por muitos anos para conseguir ter uma festa como hoje o José Pinto teve, de 80 anos".



VITALY BOHUN

Vitaly já está habituado que toda a gente associe o seu nome à marca de água Vitalis. Para o bailarino é muito complicado falar português e confessou que é preguiçoso para aprender. Vitaly explicou que não foram passar o Natal a casa em Dezembro, porque festejam o acontecimento no dia 6 de Janeiro. Ainda não sabe quando vai regressar para a Ucrânia, porque La Féria ainda não lhe fez nenhuma sugestão, portanto vai ficar à espera.



BRUNO GALVÃO

"Felicidade, missão cumprida, satisfação. A resposta do público é a prova deste sentimento. O "Um Violino no Telhado" é um grande espectáculo. Tenho muito prazer em fazê-lo e fazia ainda mais duzentos com todo o gosto"



SARA LIMA



"O dia de hoje marca um feito único na cidade. Vai ficar para a história da minha vida. Ainda fazia mais duzentos espectáculos mas também já sinto um bichinho que me pede um musical novo".

MARIA JOSÉ (mãe de Rita Ribeiro)

"O "Um Violino no Telhado" é um espectáculo mágico. Vi este espectáculo em Londres quando a Rita ainda só tinha 17 anos. Mal sabia eu que, um dia, ela o faria. Este espectáculo é uma dádiva"



ANA LUÍSA SILVA, UMA DAS FILHAS DE TEVYE



Ana Luísa Silva de 9 anos, uma das filhas mais novas de Tevye, disse ao Audiência que está a gostar muito desta experiência no "Violino" e de trabalhar com os outros actores. Para a mãe, Susana Silva, é um orgulho muito grande ver a filha em cima do palco, porque vê que Ana Luísa gosta do que está a fazer e que se sente à vontade. Ana Luísa quer ser actriz e já sabe que vai poder contar com o apoio dos pais em qualquer situação.

RITA RIBEIRO

“É uma grande alegria chegarmos aqui e sentirmos que o espectáculo está melhor a cada dia que passa, que nos damos tão bem, que gostámos tanto do espectáculo. É indescritível. Não há palavras para descrever aquilo que se sente quando se fazem duzentas representações sempre com casa cheia, sempre com o apoio caloroso do público e com uma companhia onde nunca existiu um único aborrecimento. É absolutamente maravilhoso. Adorei estar no Porto, mas agora que o fim se aproxima há que aceitar e seguir em frente. Tenho pena de não poder levar isto tudo comigo, mas levo dentro do meu coração.”



CARLOS MEIRELES

“Muito gratificante. É muito tempo a fazer a mesma peça. É difícil mas muito bom chegar às duzentas representações com uma casa cheia. Poder fazer parte deste elenco é um privilégio para mim. Repetia ainda mais duzentas representações, tantas vezes quantas fossem precisas porque é isto o que eu gosto de fazer”



SISSI MARTINS

“Como já estamos na recta final, ser o espectáculo número duzentos é sempre uma pequena angústia porque estamos a terminar e vamos deixar um espectáculo que foi criado por nós. De dia para dia sentimos que está a acabar e o nervosismo que tínhamos no início retorna. Não é só tristeza, mas o sentimento de despedida e de aproveitar ao máximo os últimos momentos. São espectáculos mais intensos, tal como o foram os primeiros. Queremos experimentar novas coisas e dar tudo por tudo”



MAFALDA TAVARES

“É um sentimento óptimo. É uma recompensa. E nós nem damos conta que fizemos os duzentos espectáculos passado todo este tempo. Acho que ainda fazia mais duzentos sem me aperceber”.



PRÓXIMA PEÇA DE LA FÉRIA NO PORTO É UMA COMÉDIA

«A Gaiola das Loucas» pode chegar ao Rivoli em Abril

Filipe La Féria acredita que chegou a hora de fazer o público do Porto rir “de tudo”. No dia em que se comemorou o 200º espectáculo de “Um Violino no Telhado”, que promete despedir-se do Teatro Rivoli já no fim do mês de Janeiro, o Audiência não resistiu a pedir ao encenador a antecipação da sua próxima peça nos palcos do Norte. A comédia “A Gaiola das Loucas” deverá estreiar em Abril e promete fazer os espectadores “esquecerem o ambiente de pessimismo” que atravessa o país.

Por Cristiana Maia

O que é que o público pode esperar de Filipe La Féria nos próximos meses?

FLF: Vai fazer-se todo o possível para haver mais outro espectáculo. Espero poder realizar “A Gaiola das Loucas”, que é uma comédia fantástica, um género completamente oposto ao “Um Violino no Telhado”. Espero poder vir a realizá-la, que seja um grande êxito e que continue a arrastar estas multidões, tal como o fez o “Um Violino no Telhado”, com 200 representações e mais de 250 mil espectadores.

Surpreendem-no esses números?

FLF: Não esperava tanto. É, de facto, fantástico. Surpreendeu-me não só “Um Violino no Telhado”, como também já o havia feito o “Jesus Cristo Superstar”, a “Música no Coração” e, sobretudo, os espectáculos infantis. Diariamente, este teatro recebe 1600 crianças. Acho fantástico.

“A Gaiola das Loucas” é, no entanto, um género teatral um pouco diferente daquele a que já habituou o público do Porto...

FLF: Completamente. É até um espectáculo polémico. É um tema muito forte mas ao mesmo tempo muito cómico.



É mais arriscado?

FLF: É mais arriscado. Mas eu acho que, nesta época de crise, as pessoas precisam de rir. Eu acho que “A Gaiola das Loucas” dá para rir de tudo.

É, portanto, um espectáculo que vem na melhor altura?

FLF: Sim. Vem numa altura em que as pessoas precisam de rir. Rir para fugirmos deste clima de pessimismo em que Portugal vive.

JOSÉ RAPOSO NÃO DEVE DESPEDIR-SE JÁ DO PORTO

Em princípio farei outro musical de Filipe La Féria

Durante 200 espectáculos consecutivos, "Tevye" cantou e encantou a plateia do Rivoli. A poucos dias da despedida de "Um Violino no Telhado" da cidade do Porto, José Raposo conta ao Audiência as perspectivas para o futuro. Gostava de ficar no Porto e quase confessa que a sua despedida não será para já. Talvez permaneça por mais uns meses para que o "adeus" às amizades portuenses possa ficar adiado. A vontade de continuar a cantar em palco ainda é muita, mas José Raposo não esconde a vontade de saltar para outro registo. "Talvez uma comédia", atira.

Por **Cristiana Maia e Marisa Pinho**

Que sentimento o invade ao completar duzentas representações consecutivas de "Um Violino no Telhado"?

O sentimento que qualquer actor tem quando atinge o êxito que esta peça tem. Estou muito feliz. É, de facto, uma grande peça de Filipe La Féria e é um grande privilégio ser o protagonista.

Surpreendeu-o o feedback que o público portuense lhe transmite?

O feedback do público do Porto sinto-o desde 1982, quando me estreei. Venho ao Porto desde essa altura e há sempre um carinho muito especial para com os actores por parte do público do Norte, de uma maneira geral. Qualquer actor diz isto. Há, de facto, uma diferença entre o público do Norte e do Sul. As pessoas são mais efusivas, demonstram o que sentem com espontaneidade. Não têm problemas em demonstrar se estão alegres ou se não gostam do que vêem.

Alguma vez sentiu que o público não gostou?

Eu sou um sortudo nesse aspecto. Não tenho essa razão de queixa. Sei que as pessoas

gostam de mim porque me abordam na rua e me dizem isso, pessoalmente, como se eu fosse uma pessoa de família. Tenho essa sorte, mas também sei que houve casos de espectáculos que as pessoas não gostaram muito e manifestaram-se.

Estamos a aproximarmo-nos do final de "Um Violino no Telhado". Já há saudade?

Saudade, acima de tudo, das pessoas de cá. Não só da pessoa do restaurante onde eu janto, do hotel onde eu estou, mas também e principalmente dos meus colegas que são daqui. Em nove meses ganham-se cumplicidades. Somos um grupo de 60 pessoas entre músicos, cantores, bailarinos, actores. E se formos a contar com a produção toda somos mais de cem pessoas. É uma empresa com uma estrutura muito grande. Se continuarmos cá com outro espectáculo, ainda vou ter a sorte de estar cá mais meses. E eu não me importo nada de cá continuar. Gosto muito muito de estar no Porto. Sinto-me em casa. Se tiver que ir para Lisboa (claro que algum dia terei que ir) vou ter muitas saudades destas pessoas, mas voltarei de certeza para as visitar.

Tem-se revezado completa-



mente entre Porto e Lisboa, teatro e televisão. Conte-nos o seu segredo. Os seus colegas dizem que é maluco.

É, de facto, uma loucura pura. Às vezes tenho que ir para Lisboa em três horas, dormir duas ou três horas e estar no estúdio às 8h. Mas quando se tem todas estas oportunidades, temos que agarrar. A história da televisão tem muito a ver com os meus compromissos porque, se eu pudesse, estava só a fazer teatro.

É o teatro que lhe está no coração?

Eu não sou daqueles actores que dizem que só o teatro é que vale a pena. Representar é fazer de tudo. Representar é representar textos e os textos podem fazer-se em televisão, cinema, dobragem de desenhos animados... Há vários géneros e até é bom um actor fazer de tudo. Esse é que é o gozo.

Participou recentemente num filme de Nicolau Breyner...

Sim o filme já foi rodado o ano passado e estreou agora. Foi fantástico porque eu adoro o Nicolau. Ele é um professor meu. Infelizmente nem toda a gente tem a possibilidade de fazer todos estes registos. Mas eu tive essa sorte.

Superou-se ao cantar em palco?

Há muita gente que me pergunta se eu já sabia cantar. É claro que eu não sou cantor mas tenho ouvido e, quando é preciso, "cá estamos". Eu acho que no palco nós superamo-nos a todos os níveis. Quando vamos para cima daquelas tábuas, exteriorizamos um espírito qualquer que temos. E essa é que é a magia do teatro. Por isso é que não é toda a gente que o consegue fazer. Temos que ser sinceros. Por

isso é que, em todas as artes, há talentos que são inatos.

Como o seu talento para improvisar?

No caso do Violino é muito difícil de improvisar porque é um texto de um autor que temos que respeitar. Mas há situações onde, às vezes, dá para o fazer, sempre respeitando o guião, o sentido e principalmente a personagem, que é o mais difícil. Quando as pessoas improvisam, por vezes, saem do eixo da personagem. E isso não pode ser porque o público repara nisso e isso é mau. Há pessoas geniais a fazer isso e que eu adoro ver: o Fernando Mendes, o Nicolau Breyner, António Feio, Raul Solnado, o Herman... São capacidades inatas. Talentos! Por isso é que eu adoro fazer Revista, porque dá para improvisar como em mais nenhum lado.

Gosta da revista à portuguesa?

Eu adoro a revista. Gosto muito de falar nela porque as pessoas têm a mania de denegrir a revista como espectáculo e de dizer que a revista é um teatro de menor qualidade. Eu não acho nada disso. Nunca achei nem percebo porque é que se acha isso. Eu tanto faço o "Violino" como faço uma revista ou um drama. A mim dá-me exactamente o mesmo gozo. Se calhar, a revista até me dá mais.

Há algum género que seja, em especial, o seu preferido?

Não. Todos têm a sua magia, o seu encanto. Por isso é que é tão bom variar. Eu em princípio vou fazer outro musical com o Filipe mas depois acho que já me apetece ir para outra coisa, talvez uma comédia...

Faz-lhe falta mudar?

Sem dúvida. A mim faz-me muita falta. E eu acho que a qualquer actor normal fará falta saltar de registo.

Audiência

MARIA LUÍSA E DIAMANTINA VENDEM BILHETES DE TEATRO HÁ 52 ANOS

“Filipe La Féria é um génio do teatro”



“Nós entregámo-nos de corpo e alma e há muita coisa que fica para trás, muita coisa que gostaríamos de fazer e não fazemos porque, aqui, temos que estar a cem por cento, se não tiver que ser a cento e um por cento.”

Por Cristiana Maia

Conhecem-nos a todos: Laura Alves, António Silva, Vasco Santana e muitos, muitos mais nomes que marcaram o mundo do teatro português. Durante 50 anos partilharam experiências, alegrias e tristezas, sempre juntas e sempre por detrás do vidro da bilheteira do Teatro Sá da Bandeira, no Porto. Hoje, já não têm 20 anos, o teatro é outro e as experiências são novas. Mas a companhia uma da outra, essa, nunca trocaram. Embora reconheçam ter as suas desavenças, “de vez em quando”, a cumplicidade que demonstram e as várias vezes em que complementam pensamentos uma à outra comprovam que o passar dos anos só serviu para as unir ainda mais. Não poupam elogios ao “senhor La Féria”, a quem chamam de “génio do teatro Português”. É que, para Maria Luísa e Diamantina, se alguma vez ele deixar de realizar teatro, é certo e sabido que esse será o dia da morte do teatro musical em Portugal. São, há quase dois anos, os rostos por detrás da bilheteira do Rivoli e contam, ao Audiência, as recordações e as mudanças que fizeram do teatro na cidade do Porto muito daquilo que hoje é.

Com que idade é que foram, pela primeira vez, para trás de uma bilheteira?

Maria Diamantina: Eu tinha 16 anos quando fui para o Teatro Sá da Bandeira (TSB) e sai de lá com 65, altura em que me reformei. Já tinha alguma experiência porque tinha estado no Cinema Nun'Álvares, em Vale Formoso, quando abri. Eu vivia longe do centro da cidade, por isso a senhora da bilheteira levava-me ao eléctrico e pedia ao senhor que tomasse conta de mim e, na Cordoaria, a minha mãe estava sempre à minha espera para me levar para casa. Entretanto, o Sá da Bandeira reabriu de obras e meteram pessoal novo. Foi aí que entrei eu, a Maria Luísa e mais uma amiga nossa. Como todas nos chamávamos “Maria”, éramos conhecidas pelas “Três Marias”. Éramos todas diferentes mas muito iguais: não gostávamos de fumo, somos do mesmo clube, católicas e do mesmo partido.

Maria Luísa: Eu entrei para o TSB aos 20 anos.

Quando é que passaram para a bilheteira do Teatro Rivoli?

MD: Nós conhecemos o senhor Filipe quando ele esteve no Sá da Bandeira com “A Rainha do Ferro Velho”. Ele convidou-nos para o acompanharmos mas nós nunca pensamos que ele pudesse ir tomar conta do Rivoli.

Isto foi em 2005. Estamos no Rivoli desde Abril de 2006. Na altura pensávamos que a nossa ajuda fosse só por dois ou três meses. A verdade é que já cá estamos há quase dois anos.

Mas arrepende-se de ter ido para o Rivoli?

MD: O teatro prende por completo uma pessoa. Nós entregámo-nos de corpo e alma e há muita coisa que fica para trás, muita coisa que gostaríamos de fazer e não fazemos porque, aqui, temos que estar a cem por cento, se não tiver que ser a cento e um por cento. Houve uma coisa que me assustou e digo-o sinceramente. Se, no início, nos tivéssemos dito que teríamos que lidar com o computador, na bilheteira, nós não vínhamos. Nós nunca tínhamos visto “um bicho” destes.

ML: Eu costumo dizer que, agora, no fim da minha vida, devo estar maluca para me meter numa coisa destas. Quando o senhor Filipe La Féria nos convidou para irmos para aqui, nós dissemos logo que não tínhamos capacidade porque nunca tínhamos mexido num computador. Mas ele sempre nos disse que nós íamos conseguir aprender.

MD: Ele até dizia que a irmã Lúcia morreu com mais de 90 anos e aprendeu a lidar com o computador, por isso nós também iríamos aprender.

ML: E aprendemos. Se calhar mais depressa do que aquilo que ele julgava. Claro que aqui, no Rivoli, temos uma vida diferente. Quase não sobra tempo nenhum para nós. Estamos aqui das 14h às 23h30 ou até mais tarde. E quando vamos para casa levamos o trabalho na cabeça.

Então como é que foi esse processo de adaptação ao computador?

MD: Muitas pessoas amigas e jovens, que sabem lidar com as

tecnologias, ajudaram-nos muito. Só tenho pena de também não ser jovem porque também me apaixonava pelo computador.

Então, agora, o computador já não é um “bicho de sete cabeças”?

MD: Não. Nós agora até gostaríamos de ir mais além. Se nos ensinassem, ainda éramos capazes. Mas já sabemos o principal, que é vender bilhetes.

Ultrapassaram-se quando aprenderam a lidar com o computador?

MD: Nunca pensei ser capaz. Eu gosto de máquinas. Até desconfio que fui das primeiras pessoas a adquirir um telemóvel. E também adoro jogos. No início custou um bocadinho e ainda hoje me enerva um bocadinho. Mas já sabemos ir buscar as reservas, vender os bilhetes com desconto, sem desconto, os convites... já dominamos! Ainda não a cem por cento, mas quase.

É mais vantajoso vender bilhetes com a ajuda do computador?

MD: O computador é mais vagaroso e, por vezes, também comete erros. Ainda hoje há coisas que não percebemos porque é que acontecem no computador.

As pessoas são pacientes, quando o computador atrasa o serviço?

MD: Aparece de tudo. Mas o público, hoje, está pouco compreensivo.

Filipe La Féria

Gostam do que fazem?

ML: Gostamos muito de teatro e fomos habituadas a trabalhar e a cumprir aquilo que nos dizem. Estamos aqui porque gostamos muito do senhor Filipe La Féria e da Dona Irene. Somos muito amigos.

“O senhor Filipe La Féria é o maior empresário, actualmente. Faz coisas que ninguém se atreveria a fazer. Enquanto que os outros empresários pensam no dinheiro acima de tudo, ele nem pensa nisso. Desde que deseje fazer uma peça, fá-la e nem pensa no que possa gastar. Ele é um génio do teatro.”

E o senhor Filipe La Féria também é vosso amigo?

MD: Muito. Ele até nos traz prendas quando vai para fora.

ML: É muito nosso amigo e nunca se esquece de nós. No Natal e quando vai para o estrangeiro traz-nos sempre uma lembrança e nós também gostamos de ajudá-lo em tudo o que for preciso.

ML: O senhor Filipe La Féria é o maior empresário, actualmente. Faz coisas que ninguém se atreveria a fazer. Enquanto que os outros empresários pensam no dinheiro acima de tudo, ele nem pensa nisso. Desde que deseje fazer uma peça, fá-la e nem pensa no que possa gastar. Ele é um génio do teatro. Se, um dia, ele falta, acabou o teatro em Portugal.

MD: Ele arrisca. Há quem diga que os génios têm todos a sua loucura. E ele tem a dele.

ML: Ele não pensa no dinheiro. Ele idealiza os cenários e, ainda que custem milhares, ele concretiza-os. Ele é um grande empresário e tem também grandes colaboradores como a senhora Irene de Sousa, o braço direito dele no Porto. Se não fosse ela, as coisas não teriam corrido como correram até agora. O senhor La Féria sabe rodear-se das pessoas certas.

Nota-se que o admiram muito...

ML: Eu penso que, se um dia o senhor Filipe La Féria deixar de fazer teatro, nunca mais teremos teatro em Portugal. Ele arrasta multidões. Ele até podia fazer uma peça fraquinha que o público via na mesma, por se tratar de uma peça do senhor Filipe La Féria. Todas as pessoas de Portugal deviam ver os espectáculos dele porque os espectáculos feitos por ele só se podem ver na América ou em Londres e, como nem todos os portugueses lá podem ir, têm uma boa oportunidade de vê-los aqui. É uma grande pena as pessoas não verem este tipo de espectáculos.

De todas as peças de Filipe La Féria há alguma que eleja como preferida?

ML: É um bocado difícil escolher porque eu gosto de todas. Mas a que mais me tocou foi o “Jesus Cristo Superstar”. Todos os dias eu chorava na cena em que Cristo ia ao Monte das Oliveiras. O próprio senhor Filipe La Féria chamou-nos no dia do ensaio geral porque gostava de ouvir a nossa opinião. Nesse dia chorei tanto

que vim sufocada cá para fora e agradecei-lhe muito a peça que ele estava a fazer. Tenho pena que não torne a repô-la aqui no Porto. Ainda há muitas pessoas que perguntam se o “Jesus Cristo Superstar” não volta. As pessoas acordam sempre muito tarde. Só quando as peças vão embora é que querem vir vê-las.

O Sá da Bandeira

Têm saudades do Teatro Sá da Bandeira?

MD: Sim, tenho muitas saudades. O Sá da Bandeira é um teatro lindíssimo e é uma pena que não se faça nada por ele.

ML: Afinal nós trabalhámos lá durante 50 anos. Nós tivemos muito bons relacionamentos com pessoas muito importantes da cidade do Porto, pessoas que ainda hoje nos têm vindo aqui cumprimentar e manifestar a saudade que têm daquele tempo. Naquele tempo, o TSB enchia. Era um teatro lindo, todo em graná e forrado com veludo e com tecidos muito bonitos. Foi uma pena que, a partir de uma certa altura, se tenha começado a deteriorar, quando se começaram a realizar uns espectáculos musicados da parte da manhã e também as festas de estudantes. Tudo isso deu cabo do TSB.

MD: Por um lado, a chegada dos filmes pornográficos também degradou um pouco a imagem do TSB. Chegou até a existir uma campanha da Igreja contra esses filmes, mas não conseguiu fazer com que existissem menos espectadores ou menos filmes. E não eram esses filmes que impediam que os espectáculos esgotassem. Há muita gente que fala dos filmes pornográficos do Sá da Bandeira mas esquece-se que foi à custa desses filmes que o Sá da Bandeira ainda se mantém de pé.

O Teatro Hoje

Acham que hoje se vai mais ao teatro no Porto do que o que se ia antigamente?

MD: Antigamente as peças esgotavam com meses de antecedência, principalmente se fossem peças com a Laura Alves, que é a nossa artista predilecta. Relembro-me que a peça “Um zero à esquerda” fazia filas até à esquina do “Campeão”.

Consideram que existe uma forte adesão aos espectáculos



de Filipe La Féria ou ainda poderia existir mais público?

MD: Sim. Eu acho que as pessoas aderem porque seis meses com as casas sempre cheias é extraordinário.

ML: As pessoas aderem muito mas nós ligamos para muitos sítios a divulgar os espectáculos e ainda um destes dias uma pessoa me respondeu: “Eu vejo espectáculos na rua que são a mesma coisa”. É aí que se vê a falta de cultura das pessoas.

MD: Nós também percebemos que exista uma camada da população que aprecie mais outro tipo de espectáculos.

ML: Mas isso são mais os jovens.

O 25 de Abril

Como é que foi o 25 de Abril para o teatro do Porto?

MD: Foi um mau bocado, até para os elementos que estavam a trabalhar.

Que diferença é que existiu no público e nas idas ao teatro, no Porto, após o 25 de Abril?

ML: Antes do 25 de Abril, os actores tinham medo de vir ao Porto porque o público do Porto era muito exigente. Eu hoje tenho saudades do tempo das Revistas quando as pessoas de famílias ricas nos davam gratificações por lhes guardarmos os melhores lugares. Havia pessoas que reservavam as frisas do início ao fim, sempre que chegava uma

Revista ao Sá da Bandeira. Alguns homens reservavam esses lugares porque estavam “de olho” nas actrizes. Tenho saudades de ver os carros que formavam filas à espera que as actrizes saíssem do teatro. Nós éramos muito brincalhões e marcávamos encontros com actores que iam lanchar à Brasileira, sem lhes dizermos que éramos nós. Dizíamos-lhes como é que iam vestidas e, de dentro da bilheteira, ficávamos a vê-los à nossa espera.

MD: De uma das vezes, descrevemos a um actor como iríamos vestidas. A nossa pouca sorte é que estava uma mulher na plateia vestida exactamente como nós tínhamos descrito. Era vê-lo a olhar para ela! E, no intervalo, descobrimos que eram conhecidos! Mas nós só gozávamos com aqueles actores que eram mesmo mulherengos!

ML: Nós temos saudades disto tudo porque éramos jovens e gostávamos de brincar. Conhecíamos a “fina flor” da cidade do Porto que, depois do 25 de Abril, desapareceu toda e nunca mais a vimos.

Trabalharam com grandes empresários do mundo do espectáculo...

MD: Sim trabalhamos com o Lopes de Almeida, que trazia sempre revistas ao Sá da Bandeira no Natal. Esse ainda era o único empresário do Norte que apresentava teatro.

ML: Também com o Avelino Carneiro, que era mais especialista no teatro amador... e muitas mais pessoas de quem nunca mais se ouviu falar.

Conhecem, portanto, todos os grandes nomes do mundo do Teatro...

ML: Sim conhecemos. Vasco Santana, António Silva, Henrique Santana, Ribeirinho, Assis Pacheco, Óscar Acúrsio e Helena Vieira, Barroso Lopes, Costinha e Luísa Durão, Elvira Rodrigues, Domingos Marques e Maria Adelina, Ruy de Carvalho, Paulo Renato...

E peças... recordam-se de todas?

ML: Quando o TSB reabriu portas, estreou com a peça “Alfacinha Tripeira”, uma opereta onde trabalhava o Domingos Marques. “A Fonte dos Amores” foi uma coisa inédita na altura porque se recriou uma fonte luminosa por baixo do palco daquelas que existem agora nos centros comerciais.

Portanto, viam todas as peças que passavam pelo Sá da Bandeira...

ML: Sim, víamos todas de início ao fim. E algumas partes das peças víamos-las todos os dias. A partir do momento em que a bilheteira fechava nós íamos para dentro da sala ver partes do espectáculo. Por vezes, até descobríamos situações engraçadas porque víamos todos os dias aquele bocado de peça. Nós descobrimos o amor entre dois actores!

Já confessaram que a vossa actriz preferida foi e é a Laura Alves. Há alguma peça que possam dizer que é a que mais tenham gostado?

ML: Todas as peças em que entrasse a Laura Alves.

MD: Para mim é a revista “A Fonte Luminosa”. Agora vemos muitas fontes desse tipo mas naquela altura não. Muito menos em cima de um palco. A água da fonte parecia que dançava ao som da música.

Quais eram os géneros que o público da época mais gostava?

MD: O público gostava mais das comédias e das revistas.

ML: Por exemplo, o João Vilaret e Manuel de Areno quando vinham ao Porto tinham as casas vazias. Era um fracasso. A companhia da Amélia Rei Colosso esteve cá também com várias peças com actores de nome consagrado e as casas também estavam vazias. O público só assistia ao teatro “sério” se fosse com a Laura Alves.

MD: Por exemplo, “O Comprador de Horas”, que era uma peça sobre um padre que pagava a uma prostituta para não se prostituir, era uma excelente peça e o público gostou, porque era com a Laura Alves.

Audiência